

# Mulher invade guarita

Rovênia Amorim  
Da equipe do **Correio**

Na estante construída com vigas de madeira, ao lado da cama de casal, dona Benedita deixa a Bíblia de capa preta sempre aberta na mesma página. Com caneta esferográfica, de tinta azul, ela circulou o Salmo 91. "O que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do onipotente diz ao Senhor: meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio."

Não passa uma noite em que dona Benedita Pereira dos Santos, de 34 anos, não o leia antes de dormir. Reza, pede proteção e dorme na guarita policial abandonada. Há sete meses, que ela e quatro filhos, limparam aquele lugar e o transformaram num lar. Criam galinhas e adotaram uma cadelinha, a Branquela, que agora é mãe de dois filhotes.

O lugar ficou parecido com pequeno sítio. Tem árvores que dão manga e goiaba e outras que só embelezam e arejam. "Até lembra o lugar que fui criada", conta a cearense, que nasceu em Orós. Branquela fica amarrada na sua casinha verde, que Francisco, o filho de 14 anos de Benedita, encontrou no lixo. A vida na guarita policial é tranquila.

"Sou feliz aqui. Mas sei que um dia vão querer me tirar", teme a mulher, mãe de cinco filhos. Só uma ficou no Ceará, para cuidar da avó que está doente. Os outros quatro — um menino e três meninas — moram com ela na guarita, às margens da Avenida Sucupira, no Riacho Fundo I. Todos estudam.

Benedita preocupa-se com os filhos. Faz questão que estudem e tenham mais chances no futuro. Também vigia-os sempre. Quando não está lavando e passando roupa ou fazendo faxina, ela fica em casa.

Faz questão. Deixou o último barraco de madeirite, na Colônia Agrícola Veredão, porque temia que as filhas fossem estupradas.

"Tinha um cara num carro branco que sempre passava por lá. Queria que elas entrassem no carro", conta. "Mas elas são espertas. Elas sabem."

Benedita conta que está há seis anos no Distrito Federal. Veio para cá, quando ainda estava com o marido, João Pereira dos Santos. Chegaram a ter um lote em Santa Maria, mas João vendeu e deixou a família sem onde morar. Foram parar nas invasões. "Ele vivia bêbado", diz Benedita. O marido, segundo ela, sumiu. "Ninguém sabe onde está."

## DERRUBADA

As três meninas — Francisca Joana D'Arc, de 13 anos, Kaline, 9, e Maria Lúcia, de 8 — dormem nesse quartinho de piso azul. O menino também, quando está chovendo. Quando não está, sobe pela escada presa na parede e que vai dar na parte superior da guarita — que servia como ponto estratégico de observação. Lá tem um colchão e cobertores.

"Quando chove, molha. Não tem como dormir aí", explica dona Benedita.

Ela dorme na cama de casal, com lençol sempre esticado, que fica no outro cômodo, de piso de concreto e onde está o fogão de quatro bocas. As panelas ficam penduradas na parede do fundo, de forma organizada. Só não tem luz, nem água. Luz ela tiram de lâmparina e água busca no quartel do Corpo de Bombeiros, que fica do outro lado da pista.

Aliás, dona Benedita e os filhos já viraram vizinhos queridos pelos bombeiros da 21ª Companhia Regional de Incêndio. Francisca Joana D'Arc até ajuda Joana, a cozinheira do quartel. "Quando sobra almoço, a gente leva pra eles", diz o subtenente Osmar Ferreira. Mês passado, os bombeiros fizeram vaquinha e compraram duas cestas básicas para a vizinha. Até peixe para cozinhar no almoço, os bombeiros já levaram para dona Benedita.

